

desde a década de 1950. A produção, ambientada no fim da década de 1970 (no governo Geisel), e centrada na luta pela vida de um professor e pesquisador de universidade pública (papel de Wagner) perseguido por assassinos, está no ranking de 10 Melhores Filmes do Ano do periódico francês e foi eleito “O” longa de 2025 pela Associação de Críticos de Cinema do Rio de Janeiro (ACCRJ).

“Kleber e eu nos conectamos pelas vias da política, num olhar que se afina, sobre o que o Brasil passou, mas sempre quis filmar com ele, sobretudo depois de ver ‘O Som ao Redor’. Se ele me chamasse para fazer Chapeuzinho Vermelho, eu fazia”, disse Wagner ao Correio em Cannes.

No Oscar dos Estrangeiros, seus concorrentes são o espanhol “Sirât”, de Oliver Laxe (indicado ainda à estatueta de Melhor Som e cotadíssimo para leva-la); o rolo-compressor norueguês “Valor Sentimental”, de Joachim Trier, cuja bilheteria beira US\$ 21 milhões; “Foi Apenas Um Acidente”, do iraniano Jafar Panahi, que ganhou a Palma de Ouro deste ano e concorre pela França, sua coprodutora; e o tunisiano “A Voz de Hindi Rajab”, de Kaouther Ben Hania, coroado com o Grande Prêmio do Júri do Festival de Veneza.

A trajetória de “O Agente Secreto” não deixa em nada a desejar à jornada vitoriosa que nosso cinema trilhou entre o segundo semestre de 2024 e março de 2025 com “Ainda Estou Aqui”, de Salles. São duas narrativas distintas, embora ambas se passem parcialmente na década de 1970 e deem ao regime militar de então uma abordagem crítica – cada um tratando a época à sua maneira. “Pirraça” é o termo com que Kleber descreve aquele tempo.

“Pirraça tem um som muito particular, maior do que qualquer verbete de wikipedia pode traduzir. O uso dessa palavra, num filme que eu fiz para o povo brasileiro ver... e no cinema..., abre relação forte com a língua portuguesa, ao expor algo que persiste como comportamento humano. O Brasil tem uma inabilidade de lidar com fatos históricos. Por isso, ‘O Agente Secreto’ é um filme sobre o que a gente esqueceu”, disse Kleber ao Correio da Manhã.

Jornalista especializado em Cinema e crítico ao longo de 13 anos, entre as décadas de 1990 e 2000, Kleber tem a noção que o sonho brasileiro de fazer bonito no Oscar começou logo após a II Guerra Mundial. Em 1945, o maestro Ary Barroso (1903-1964), de Ubá (MG), foi caçar o prêmio, em nosso nome, ao dividir com Ned Washington (1901-1976) a nomeação à estatueta de Melhor Canção por “Brasil” (1944), de Joseph Santley (1889-1971), com a música “Rio de Janeiro”. Ela acabou preterida. Venceu “Swinging on a Star”, de “O Bom Pastor”.

Não tardou, contudo, para que um longa de nossa lavra, “O Pagador de Promessas” (1962), de An-



‘Sentimental Value’ é o mais forte rival de ‘O Agente Secreto’ a melhor filme internacional



‘Pecadores’, de Ryan Cogler, recebeu 16 indicações



‘Sonhos de Trem’ tem fotografia do brasileiro Adolpho Veloso



Timothée Chalamet em ‘Marty Supreme’



Oscar Isaac é o Dr. Frankenstein na releitura de Mary Shelley feita por Guillermo Del Toro



‘Sirât’, do espanhol Oliver Laxe, integra a lista dos concorrentes a filme em língua não-inglesa



Leonardo DiCaprio: atuação memorável em ‘Uma Batalha Após a Outra’

selmo Duarte (1920-2009) – aliás, nossa única Palma de Ouro em 78 edições de Festival de Cannes -, entrou no pátio das produções de CEP estrangeiro (ou seja, não estadunidenses). Concorreu em 1963 e perdeu para “Sempre Aos Domingos”, da França, de Serge Bourguignon.

Antes de Walter Salles vencer com “Ainda Estou Aqui”, ele mesmo concorreu na Academia, em 1999, com “Central do Brasil”, que perdeu para o italiano “A Vida É Bela. Pouco antes, ainda na segunda metade da década e 1990, a produtora carioca LC Barreto (do casal Lucy e Luiz

Carlos, o Barretão) concorreu duas vezes quase consecutivas: em 1996, com “O Quatrilho”, e em 1998, com “O Que É Isso Companheiro?”. Em anos mais recentes, Petra Costa disputou a láurea dos documentários com “Democracia Em Vertigem”, em 2020, e Alê Abreu, a de Melhor Animação, com “O Menino e o Mundo”, em 2016. Não se esqueça do curta “Uma História de Futebol”, sobre Pelé, que concorreu em 2001.

É uma travessia longa que demonstra o quanto o Brasil lutou para fazer parte do processo de modificação da Academia, hoje mais aberto às diversidades do que nun-

ca, mesmo sem deixar de lado a prata da casa, como é o caso de “Uma Batalha Após A Outra” (“One Battle After Another”), de Paul Thomas Anderson, que fez a festa no Globo de Ouro, há dois meses, e deve dar a seu realizador o Oscar de Direção. Seu cineasta, um californiano de 55 anos, consagrado antes por “Magnólia” (Urso de Ouro de 2000) e “Sangue Negro” (2007), é o nome mais forte para vencer ainda a estatueta de Roteiro Adaptado. Teyana Taylor, que brilha radiantemente no papel da revolucionária Perfidia Beverly Hills, é dada como ganhadora nata do Oscar de Atriz Coadjuvante

Sua arrecadação, US\$ 206 milhões, impressiona. É a trama mais irônica com Trump de todo o Oscar. Fala de uma organização rebelde que é desmantelada pelas Forças Armadas dos EUA, depois que uma de suas mais operativas mais corajosas, Perfidia, some, o que gera uma caça a seu ex-namorado (Leonardo DiCaprio) e à filha deles, Willa (Chase Infiniti), perseguidos pelo militar estrambótico Lockjaw (Sean Peen, em interpretação colossal).

Dos nove títulos que disputam com “O Agente Secreto”, o Oscar mais cobiçado, o de Melhor Filme - “Bugonia”, “F1”, “Frankenstein”, “Hamnet”, “Marty Supreme”, “Uma Batalha Após A Outra”, “Valor Sentimental”, “Pecadores” e “Sonhos de Trem” -, o mais lucrativo foi o épico automobilístico com Brad Pitt, designado pela sigla de Fórmula Um. Faturou US\$ 631 milhões. Concorrerá ainda aos prêmios de Melhor Som, Efeitos Visuais e Montagem. O longa americano que mais lucrrou em venda de ingressos em 2025, tendo arrecadado US\$ 1,8 bilhão, chama-se “Zootopia 2” e só foi indicado a um Oscar: o de Melhor Animação. Estima-se que o sul-coreano “Guerreiras do K-Pop” vá derrotá-lo.

Dos concorrentes de Kleber na frente dos filmes internacionais, de língua não inglesa, “Valor Sentimental” pode premiar (mercidamente) o sueco Stellan Skarsgaard fazendo dele o Melhor Coadjuvante – se Sean Penn deixar. Trata-se de uma história de amor triangular que envolve cinema, teatro e família. Um prestigiado documentarista escandinavo que um dia foi uma espécie de Bergman (vivido por Stellan) procura sua filha, uma atriz teatral de tarimba (Renate Reinsve), com o projeto de uma ficção. O tal filme recia o suicídio de sua mãe, avó da jovem.

Na competição de Cannes, esse estudo sobre culpa, remorso e perdão de Joachim Trier ganhou o Grande Prêmio do Júri, a láurea de maior peso logo depois da Palma dourada. Stellan, de origem sueca, foi ovacionado ao ganhar o Globo de Ouro de coadjuvante por sua colossal composição de uma figura paterna fraturada. Foi aplaudido em especial pela luta contra a perda de memória, decorrente de um AVC. Seu histórico na TV e no cinema dos Estados Unidos é antigo, de “Mama Mia” (2008) à série “Andor”, passando pela franquia “Thor” (2011-2013). Fora isso Trier vem fazendo sucesso em solo americano com “Mais Forte Que Bombas” (2015) e “A Pior Pessoa do Mundo” (2021), que fez de Renate uma estrela no âmbito dramático.

No entanto, o golaço de Kleber no evento da Golden Globe Foundation e em inúmeras outras premiações, põe o Brasil num papel estratégico. O bicampeonato é um horizonte possível... e esperado, sendo que Adolpho Veloso é uma ascendente aposta para o Oscar de Fotografia. Agora é só torcer.